

A relação entre autoconceito e desempenho escolar em crianças e adolescentes.

Andresa Aparecida Ferreira²

Resumo

Este estudo teve como objetivo conhecer o estado da arte da pesquisa empírica publicada no Brasil, referente à relação entre autoconceito e desempenho escolar em crianças e adolescentes. Como método foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados LILACS, INDEXPSI, SCIELO e PEPSIC por meio da palavra-chave autoconceito, sem limite de tempo. Foram identificados 86 artigos, dos quais foram selecionados 10 que tratavam especificamente da relação entre autoconceito e desempenho. Um levantamento subsequente em volumes disponíveis on line das revistas de psicologia da base de dados BVS-PSI elevou para 11 esse número. Todos os artigos encontraram relação positiva entre autoconceito e desempenho escolar. Variáveis como idade, sexo e tipo de escola freqüentada (particular ou pública) parecem influir nessa relação, porém a evidência disponível é insuficiente para conclusões. Tais resultados reforçam a necessidade de atenção às questões afetivo-emocionais que podem interferir no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: autoconceito; desempenho escolar; autopercepções; aprendizagem; afetivo-emocional; revisão.

Abstract

This study focused on the understanding of the state of the art of the empirical research published in Brazil concerning the relation between the self concept and school performance in children and teenagers. As a method it was held a bibliographical survey in the databases LILACS, INDEXPSI, SCIELO and PEPSIC under the key word self concept, without limit of time. Eighty-six articles were identified; from which ten were selected that addresses specifically the relation between the self concept and performance. A subsequent research in available online volumes of psychology journals found on the database BVS-PSI raised this number for 11. All the articles find a positive relation between the self concept and school performance. Variations such as age, gender and kind of school attended (private or public) seem to play a role in this relation, however the available evidence is not enough to establish conclusions. Such results reinforce the necessity of emphasis on feeling and emotional issues that could interfere in the learning process of children and teenagers.

Key-words: self concept; school performance; self perception; learning; affective-emotional; review.

¹ Pedagoga pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, SP.
Psicopedagoga – Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, SP.
Atua como professora na área de Ensino Fundamental e Superior.
Endereço eletrônico: andresaferreira@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A educação é direito de todos os cidadãos. Sua importância se deve ao fato de ser responsável pelo processo de transmissão do conhecimento e de formação dos cidadãos, para que sejam capazes de compreender o mundo contemporâneo e nele atuar.

A educação no Brasil enfrenta uma crise que já se alastra há muitos anos, o índice de analfabetismo no país ainda é alto. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Síntese de Indicadores Sociais, entre as 28,3 milhões de crianças de 7 a 14 anos, que pela idade já teriam passado pelo processo de alfabetização, foram encontradas 2,4 milhões (8,4%) de crianças que não sabem ler e escrever.

Este dado se torna mais preocupante pelo fato de que 87,2% dos 2,4 milhões de crianças que não sabem ler e escrever, ou seja, 2,1 milhões freqüentam escola. Isso quer dizer que mesmo com a universalização do ensino, as crianças continuam não aprendendo, fato que vem intrigando os pesquisadores da área da educação.

Atualmente, pesquisas realizadas na área da educação tentam encontrar fatores que estejam relacionados com o desempenho escolar. Dentre esses fatores têm-se destacado os afetivo-emocionais.

Entende-se por fatores afetivo-emocionais os sentimentos próprios da criança que podem interferir no processo de aprendizagem, como as autopercepções a respeito de seu desempenho.

Martin e Marchesi (1995) comentam que a maior eficiência para aquisição de informação depende não somente do conjunto de habilidades e conhecimentos prévios do indivíduo, mas também do conhecimento e controle que possui sobre seus processos cognitivos.

Fontaine (1995) assinala que o funcionamento da inteligência e da motivação exige a utilização desses processos cognitivos e é sensível a fatores sociais ou emocionais. Com isso, pode-se considerar que a capacidade intelectual fixa certos limites à capacidade de aprendizagem do aluno em cada momento, enquanto que a motivação é responsável pela utilização mais ou menos completa deste potencial ou pela orientação dos investimentos intelectuais em tarefas ou domínios diferentes.

Segundo a mesma autora, a autopercepção influencia a motivação, a escolha de atividades, a quantidade de esforços a ser investido, a tolerância aos obstáculos

e a persistência frente às adversidades, promovendo ou não um bom desempenho escolar (Fontaine, 2005).

A autopercepção positiva com relação ao desempenho escolar é importante para o sucesso e a realização pessoal da criança, uma vez que no início da escolarização as experiências vividas influenciarão em grande parte a vida futura da criança. Do mesmo modo, a autopercepção negativa a respeito de seu desempenho pode reforçar sentimentos de inadequação, baixa auto-estima e experiências de fracasso em sua vida escolar.

Dentre as autopercepções que a criança tem a respeito do seu desempenho, destacaremos neste estudo a variável psicológica autoconceito.

De acordo com Harter (1996), o constructo autoconceito se refere às atribuições que a pessoa faz a respeito de si mesma, como ela se percebe e o que ela pensa sobre sua própria capacidade. Harter assinala que o autoconceito é construído nas interações e pode ser alterado ao longo da vida de acordo com experiências significativas.

Na mesma direção, Candieux (1996) define o autoconceito como um conjunto de atribuições cognitivas que um indivíduo faz a respeito de si, das suas características pessoais e de seu comportamento em situações objetivas. O autor refere que o autoconceito envolve a avaliação que a criança faz a respeito de si mesma de um modo global, como também atribuições que faz de características específicas do seu modo de ser.

Discutindo o autoconceito do ponto de vista do desenvolvimento, Helen Bee (2003) ressalta que o autoconceito da criança em idade escolar se torna, de modo gradual, menos centrado em características externas e mais em qualidades internas. A criança começa a perceber suas características como mais estáveis e desenvolve um senso global de autovalor. Desse modo, conforme a criança avança nos anos escolares, sua autodefinição se torna mais complexa, mais comparativa e mais centrada em sentimentos e idéias; já no final da adolescência os jovens pensam em si mesmos em termos de crenças, ideologias e filosofia pessoal.

Esses avanços no desenvolvimento do conhecimento de si mesmo estão relacionados com as crescentes capacidades cognitivas da criança e com as interações sociais que mantém, que são cada vez mais ricas e diferenciadas. Na adolescência, a possibilidade de refletir a respeito dos próprios pensamentos e

sentimentos, representa a capacidade definitiva e necessária para enriquecer o conhecimento de si (Hidalgo e Palácios, 1995).

A relação entre a autopercepção do indivíduo, especificamente o autoconceito, e o desempenho escolar vem sendo objeto de estudos há praticamente trinta anos.

Ao longo desse tempo, tem sido demonstrada, de forma sistemática, a relação entre autoconceito e desempenho acadêmico, no sentido de que o indivíduo com autoconceito positivo tem um bom funcionamento individual, tem mais motivação e responde melhor às demandas da aprendizagem, tendo portanto, um bom desempenho escolar. Tal correlação positiva entre o autoconceito e o desempenho escolar foi encontrada em estudos com variáveis distintas quanto à idade, escolaridade, nível sócio-econômico e habilidades dos sujeitos das amostras (ver, por exemplo, Covington e Omelich, 1979; Harter e Pike, 1984; Ashman e Van Kraayenoord, 1998; Bear, Minke, Griffin e Deemer, 1998 e Hosley, Hooper e Gruber, 1998).

Evidências de pesquisas em nosso meio também sugerem que o autoconceito tem estreita relação com o desempenho escolar.

Loureiro (2000), em um estudo que teve como objetivo analisar o autoconceito e a auto-eficácia de escolares, compreendendo o significado de vulnerabilidade e proteção associado a estas variáveis, concluiu que o autoconceito e a auto-eficácia, enquanto autopercepções com relação ao desempenho acadêmico e recursos pessoais associados agem como fatores de proteção, favorecendo o enfrentamento de situações desafiadoras a novos ajustes e adaptação.

Em outro estudo Jacob (2001) focalizou relações entre o desempenho escolar e as autopercepções relativas ao autoconceito e à auto-eficácia e os aspectos comportamentais, a partir da visão dos professores e dos próprios alunos. Para tal estudo selecionaram-se dois grupos de estudantes do ensino fundamental, um com bom desempenho e outro com baixo desempenho escolar.

Neste estudo, o grupo de crianças com baixo desempenho escolar apresentou autoconceito mais negativo, percebendo-se como menos capazes, com menos motivação e persistência no enfrentamento das atividades escolares. Já as crianças do grupo sem dificuldades se julgavam com recursos para aprender e com autoconceito mais positivo.

Na mesma direção, o estudo de Ferreira (2006) que teve como objetivo caracterizar as autopercepções de meninos com dificuldade de aprendizagem, bem como verificar as associações entre essas percepções e os indicadores de desempenho escolar e problemas de comportamento, revelou uma clara associação entre o autoconceito, a auto-eficácia e o desempenho escolar, sugerindo que as autopercepções exercem influência no desempenho acadêmico e são por ele influenciadas.

Tendo em vista a situação educacional do nosso país e a importância do autoconceito no contexto acadêmico, o objetivo deste trabalho é conhecer o estado da arte da pesquisa publicada no Brasil para obter um panorama dos estudos que relacionam o autoconceito com o desempenho escolar de crianças e adolescentes.

2. MÉTODO

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados LILACS, INDEXPSI, SCIELO e PEPSIC por meio da palavra-chave autoconceito, sem limite de tempo. Encontrou-se um total de 86 artigos. Mediante a leitura dos respectivos resumos, foram selecionados os artigos que tinham como objetivo verificar ou analisar a relação entre o autoconceito e algum aspecto do desempenho escolar de crianças ou adolescentes. Com isso, selecionou-se um total de 10 artigos.

Um levantamento subsequente nas referências dos artigos obtidos e nos índices dos volumes disponíveis online das revistas de psicologia da base de dados BVS-PSI acrescentou um artigo a esse rol. Portanto, a revisão foi feita sobre 11 artigos empíricos publicados em revistas brasileiras, dos quais nove estavam disponíveis online. Dez deles foram publicados em português e um em espanhol.

3. RESULTADOS

A revisão bibliográfica realizada identificou 11 artigos que tratavam especificamente da relação entre autoconceito e desempenho escolar. Todos os artigos foram encontrados em revistas da área de psicologia. Os artigos selecionados são relativamente recentes, pois foram publicados a partir de 1999, com exceção de um que foi publicado em 1984. As pesquisas relatadas foram realizadas no Brasil, com exceção de duas – uma feita em Portugal e outra na

Argentina. Os estudos brasileiros foram conduzidos em São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal.

Todos os estudos tinham delineamento transversal. A associação entre autoconceito e desempenho foi investigada seja por meio de correlação entre medidas de autoconceito e de desempenho obtidas concomitantemente, seja pela comparação entre grupos contrastantes de desempenho, em relação ao autoconceito. O número de participantes variou de 40 a 888 sujeitos de ambos os sexos, sendo que cada sexo se aproximou a 50% da amostra. A faixa etária dos participantes variou aproximadamente de 6 a 18 anos.

Os instrumentos mais utilizados para avaliar o autoconceito foram a Escala Infantil Piers-Harris de Autoconceito, traduzida e adaptada por Jacob e Loureiro (1999) e a Escala de Autoconceito Infanto- Juvenil - EAC- IJ (Sisto & Martinelli, 2004). O instrumento mais utilizado para avaliar o desempenho escolar foi a Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita – ADAPE (Sisto, 2001a e 2002b).

Alguns artigos analisaram outras variáveis além do autoconceito e desempenho escolar, como as relações com problemas de comportamento, escolha do lugar de sentar, gênero, idade, tipo de instituição e atendimento extra-escolar.

Para a análise dos resultados encontrados nos artigos, estes foram reunidos em três conjuntos: (a) artigos que analisaram a relação entre autoconceito e desempenho escolar; (b) artigos que focalizaram uma área específica de conteúdos escolares; (c) artigos que investigaram a associação entre autoconceito e desempenho escolar, em crianças identificadas com dificuldades de aprendizagem, atendidas em programas de apoio psicopedagógico.

A relação entre autoconceito e desempenho escolar genericamente considerado foi investigada por Silva e Alencar (1984), Estevão e Almeida (1.999) e Urquijo (2002).

O estudo de Silva e Alencar (1984) teve como objetivo investigar a relação entre o autoconceito e o rendimento acadêmico, escolha do lugar de sentar e avaliação do professor quanto ao autoconceito do aluno. A amostra foi constituída por 500 alunos de 4ª série de 1º grau. O estudo foi realizado em escolas do município de Brasília. Os resultados indicaram relação significativa entre autoconceito, rendimento acadêmico e a avaliação do autoconceito do aluno pelo

professor. Os alunos bem-sucedidos na sua realização escolar parecem ser mais otimistas e mais autoconfiantes quanto ao seu futuro desempenho. Eles confiam na sua habilidade geral como estudantes, enquanto os alunos com baixo rendimento acadêmico se percebem como menos capazes e menos aceitos pelos outros, apresentando tendências à autodesvalorização e à autocrítica. Não foi observada associação significativa entre autoconceito e escolha do lugar de sentar.

Estevão e Almeida (1999) tiveram como objetivo analisar as relações entre medidas de realização escolar, auto-estima, autoconceito acadêmico e autoconceito físico dos alunos no começo da adolescência. Participaram do estudo 330 adolescentes que cursavam do 6º ao 9º ano em escolas públicas da região centro de Portugal¹. Os resultados obtidos confirmam uma relação positiva e significativa entre as medidas de autoconceito e realização escolar dos alunos, mas apenas para as subescalas do autoconceito acadêmico e não para as subescalas de autoconceito físico (exceção feita à subescala auto-estima). Estes resultados indicam que os alunos com dificuldade de aprendizagem são aqueles que apresentam um autoconceito acadêmico mais baixo quando comparados com alunos dos outros grupos em estudo. Este fato reforça a idéia de que os alunos com dificuldade de aprendizagem e com sucessivos fracassos escolares apresentam uma idéia acadêmica de si mais negativa. Os autores salientam que estes resultados validam a diferenciação entre as dimensões do autoconceito, dando-lhe uma definição multifacetada ou multidimensional.

O artigo que completa o primeiro bloco é de Urquijo (2002). O objetivo do autor foi explorar as relações entre diversas formas de autoconceito (acadêmico, social, emocional e familiar) e o desempenho acadêmico em língua e matemática, considerando o sexo, a idade e o tipo de escola – particular ou pública. Os participantes foram 888 adolescentes que cursavam do 7º ao 9º ano³ em escolas públicas e privadas de Mar Del Plata na Argentina. Os resultados do estudo indicaram associações significativas entre o autoconceito acadêmico, social e total com o desempenho acadêmico, tanto em língua quanto em matemática. Já o autoconceito emocional e familiar não se associou de forma estatisticamente

¹ Em Portugal, 6º ano equivale à 7ª série do 1º grau no Brasil e 9º em Portugal equivale ao 1º ano do 2º grau no Brasil.

² Na Argentina, 7º ano equivale à 8ª série do 1º grau no Brasil e 9º ano na Argentina equivale ao 1º ano do 2º grau no Brasil.

significativa com o desempenho acadêmico em língua e matemática. As análises em função do sexo, idade e tipo de instituição mostraram que o autoconceito se associa ao desempenho acadêmico somente em alunos de escolas públicas. Verificou-se associação entre o autoconceito acadêmico e desempenho acadêmico, tanto em língua quanto em matemática, nos meninos de 7º e 9º anos. Quanto às meninas do 7º ano, encontraram associação significativa entre o autoconceito total, acadêmico e social e o desempenho acadêmico somente na área de língua.

No conjunto de artigos que trataram de áreas específicas de conteúdos escolares, Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) e Cunha, Sisto e Machado (2006) investigaram a associação entre autoconceito e dificuldades na aprendizagem da escrita; Cunha, Sisto e Machado (2007) e Moraes e Cunha (2007) trabalharam com o reconhecimento de palavras; Souza e Brito (2008) focalizaram a associação entre autoconceito e desempenho em matemática.

O artigo de Carneiro e cols (2003) teve como objetivo verificar a relação entre a dificuldade de aprendizagem na escrita e o autoconceito geral, pessoal, social, familiar e escolar. Foi realizado um estudo correlacional com 277 crianças da 3ª série do ensino fundamental da rede pública de Campinas. Os resultados evidenciaram que a dificuldade de aprendizagem na escrita está significativamente relacionada com o autoconceito geral e o escolar, verificando-se que conforme aumenta o nível de dificuldade de aprendizagem na escrita diminui o autoconceito geral e escolar da criança. Já para a associação entre a dificuldade de aprendizagem na escrita e os autoconceitos social, familiar e pessoal não encontraram dados estatisticamente significativos. De modo geral, observou-se que as crianças que apresentaram conceitos mais positivos sobre suas capacidades em relação às tarefas escolares tendem a obter melhores resultados do que aquelas que apresentam conceitos negativos ou duvidosos sobre si mesmas e sobre suas habilidades.

Cunha e cols. (2006) investigaram possíveis correlações entre a dificuldade de aprendizagem na escrita e o autoconceito geral, pessoal, familiar, escolar e social de um grupo de crianças do ensino fundamental de uma cidade do interior de Minas Gerais. Participaram da pesquisa 300 alunos com idade de 6 a 15 anos que cursavam 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de escolas públicas.

Os resultados indicaram que para os meninos de 2ª e 3ª série houve correlação negativa entre o autoconceito social e a dificuldade de aprendizagem na escrita, ou seja, quanto mais eles se aceitam socialmente, menos erram no ditado. Houve correlação negativa entre o autoconceito geral e a dificuldade de aprendizagem na escrita também para os meninos de 3ª série, o que significa que quanto maior o autoconceito, menor a dificuldade na escrita.

Houve correlação negativa entre o autoconceito familiar e a dificuldade de aprendizagem na escrita para as meninas da 4ª série, ou seja, meninas mais velhas que se sentem bem adequadas e adaptadas às exigências do lar têm menos dificuldade na escrita.

Correlação positiva foi evidenciada no grupo de meninas de 2ª série entre o autoconceito escolar e a dificuldade de aprendizagem na escrita. Para os autores, o autoconceito escolar trata das questões relativas às relações interpessoais que ocorrem no contexto escolar.

Cunha e cols (2007) investigaram as relações entre o reconhecimento de palavras e o autoconceito de 300 crianças de 2ª, 3ª e 4ª séries de escolas públicas do interior de Minas Gerais. Os resultados indicaram que houve correlação significativa entre as medidas de autoconceito pessoal e social e o reconhecimento de palavras. Entretanto, esse nível de correlação não se manteve em todas as séries. Não houve correlação significativa entre o autoconceito familiar e escolar e o reconhecimento de palavras.

Para os autores, de modo geral pode-se observar que quanto mais às crianças acertavam a grafia das palavras, mais elevado era o autoconceito. Em razão disso, as crianças que adquiriram a habilidade de reconhecer palavras, em maior ou menor intensidade, informaram que se sentem bem consigo mesmas, sem maiores preocupações, medos e ansiedades, como também que sentem vontade de ajudar os amigos e de serem ajudados quando necessitam o que sugere uma forte relação entre a variável emocional e a intelectual.

Moraes & Cunha (2007) verificaram as correlações existentes entre o reconhecimento de palavras e o autoconceito pessoal, escolar, familiar e social em crianças. Participaram do estudo 230 alunos com idade entre 7 e 16 anos, que cursavam 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental da rede estadual de ensino,

sendo 150 de uma escola periférica e 80 de uma escola central, em uma cidade do interior de Minas Gerais.

Foram encontradas correlações positivas, entre os resultados do instrumento de reconhecimento de palavras e o autoconceito pessoal, escolar, familiar e social. Tais resultados sugerem que um aluno que tem autoconceito elevado, terá também resultado alto no reconhecimento de palavras, assim como um autoconceito rebaixado, será acompanhado de um número reduzido de acertos na escala de reconhecimento de palavras, o que evidencia a influência de variáveis sócio-afetivas no desempenho da leitura e da escrita.

Um recente estudo, realizado por Souza e cols (2008), completa o segundo bloco. Nesse artigo foram investigadas as relações entre o autoconceito, crenças de auto-eficácia e o desempenho em matemática de 122 alunos de 3ª e 4ª séries de uma escola pública do interior de São Paulo. A análise dos resultados mostrou que o desempenho dos alunos encontrava-se positivamente relacionado ao autoconceito e à auto-eficácia matemática. Os autores interpretam esses resultados como sugestivos de que, quanto mais favoráveis à auto-eficácia e o autoconceito, maior a probabilidade de um bom desempenho. Eles acrescentam que os aspectos referentes às autopercepções, englobando as crenças acerca das próprias capacidades, desempenham um papel essencial no desenvolvimento da autonomia e na motivação do aluno, resultando assim em um bom desempenho escolar.

O terceiro e último bloco se refere aos artigos de Stevanato, Loureiro, Linhares e Marturano (2003); Okano, Loureiro, Linhares e Marturano (2004); e Silva e Fleith (2005), que investigaram a associação entre autoconceito e desempenho escolar, em crianças identificadas com dificuldades de aprendizagem, atendidas em programas de apoio psicopedagógico.

O estudo de Stevanato e cols (2003) teve como objetivo avaliar o autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento comparativamente ao autoconceito de crianças com bom desempenho escolar. A pesquisa foi conduzida no interior de São Paulo. Foram avaliados 58 alunos de 1ª a 4ª série, de ambos os sexos, com idades entre 8 e 11 anos, em dois grupos: crianças com desempenho escolar compatível com a série e sem problemas de comportamento (n = 26); crianças com queixa escolar, atendidas em um serviço de psicopedagogia (n = 32). Neste segundo grupo foi identificado um

subgrupo com problemas de comportamento (n = 23). As crianças com dificuldade de aprendizagem apresentaram autoconceito significativamente mais negativo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem no escore global e nas categorias status intelectual e acadêmico, comportamento, ansiedade, popularidade e satisfação, caracterizando assim o impacto negativo do fracasso escolar sobre o autoconceito, principalmente sobre o autoconceito acadêmico.

O estudo realizado por Okano e cols (2004) teve como objetivo avaliar o autoconceito de 40 crianças de 1ª e 2ª série de uma escola pública do interior de Minas Gerais. As crianças foram divididas em dois grupos: G1 com 20 crianças com dificuldades de aprendizagem que freqüentavam, além do ensino regular, um programa complementar denominado Ensino Alternativo, e G2 composto por 20 crianças sem dificuldades escolares que freqüentavam apenas o ensino regular. Os resultados observados indicaram que as crianças do G2 obtiveram escores de autoconceito nas subescalas status intelectual e acadêmico, comportamento, ansiedade e popularidade com significância estatística maiores quando comparados ao G1. Para as autoras, as crianças do G1 se percebem com menor habilidade para aprender e com mais dificuldades comportamentais quando comparadas às crianças do G2.

Silva e Fleith (2005) investigaram o desempenho escolar e o autoconceito de 78 crianças com queixa escolar que cursavam a 4ª série de uma escola pública do Distrito Federal. Dessas crianças, 46 eram atendidas em um serviço de Apoio Psicopedagógico e 32 freqüentavam classes de aceleração da aprendizagem nas escolas. Os resultados não indicaram diferenças significativas entre os alunos atendidos no serviço psicopedagógico e os alunos das classes de aceleração com relação ao desempenho escolar e o autoconceito. Isso sugere que o fato de as crianças freqüentarem um programa complementar fora da escola, a fim de aperfeiçoar sua aprendizagem, não alterou seu autoconceito.

Enfim, todos os artigos presentes nesta análise encontraram uma correlação positiva entre autoconceito e desempenho escolar.

4. DISCUSSÃO

Este estudo identificou pesquisas que tratam da relação entre autoconceito e desempenho escolar em função de algumas variáveis.

Os artigos selecionados para análise apresentaram resultados semelhantes quanto à relação entre autoconceito e desempenho escolar.

Todos os artigos encontraram uma correlação positiva entre autoconceito e desempenho escolar, ou seja, os indivíduos com desempenho acadêmico satisfatório tendem a ter um bom autoconceito e os indivíduos com desempenho escolar pobre, tendem a ter um autoconceito rebaixado. Tais resultados corroboram o que vários autores (Covington e Omelich, 1979; Harter e Pike, 1984; Ashman e Van Kraayenoord, 1988; Bear e cols, 1998; e Hosley e cols, 1998) já haviam encontrado sobre a estreita relação entre o autoconceito e o desempenho escolar.

De acordo com a literatura, o autoconceito influi consideravelmente no desempenho acadêmico dos indivíduos; através de reflexões eles são capazes de se engajarem em auto-avaliações e alterarem seu próprio pensamento e comportamentos subseqüentes, podendo assim se direcionarem tanto ao sucesso, quanto ao fracasso escolar.

Essa correlação positiva entre autoconceito e desempenho escolar nos faz refletir a respeito do ciclo negativo que isto pode gerar, ou seja, o indivíduo que acumula uma história de fracasso no percurso de sua vida acadêmica, conseqüentemente adquire uma baixa auto-estima, podendo assim não ter mais vontade de realizar tarefas escolares, não persistir na resolução de algum problema ou desistir de ingressar em um curso profissional, por não acreditar em suas habilidades e capacidades próprias. E, a partir deste comportamento e pensamento desestimuladores, o indivíduo obtém um desempenho ruim, reforçando ainda mais o seu sentimento de incapacidade, e assim recomeça o ciclo – quanto mais o indivíduo se sente inferiorizado, mais ele estará suscetível ao insucesso e menos poderá obter aprovações a partir de seu desempenho.

É neste sentido que a correlação positiva entre autoconceito e desempenho escolar se torna importante, pois uma vez que o indivíduo desenvolve um autoconceito desfavorável, poderá apresentar uma dificuldade crônica em sua aprendizagem, isto é, de difícil superação se não receber ajuda para romper o ciclo vicioso.

A análise dos artigos nos permitiu verificar que oito deles (Estêvão e Almeida, 1999; Urquijo, 2002; Carneiro e cols, 2003; Cunha e cols, 2006; Cunha e cols, 2007; Moraes e Cunha, 2007; Stevanato e cols, 2003 e Okano e cols, 2004) consideram o

autoconceito como uma variável multidimensional ou multifacetada, ou seja, analisaram a relação entre o desempenho escolar com as diferentes formas de autoconceito.

É importante ressaltar que os artigos utilizaram instrumentos diferentes, com subescalas diferentes, o que dificultou a análise específica da relação entre o desempenho escolar e as várias formas de autoconceito.

Entretanto, pode-se observar que a correlação positiva entre o desempenho escolar e o autoconceito escolar ou intelectual /acadêmico se mostrou consistente na maioria dos artigos (exceção de Cunha e cols, 2006; e Cunha e cols, 2007).

A relação entre o desempenho escolar e o autoconceito social também foi significativa na maioria dos artigos que estudaram estas variáveis (Urquijo, 2002; Carneiro e cols, 2003; Cunha e cols, 2006; Cunha e cols, 2007; Moraes e Cunha, 2007; Stevanato e cols, 2003 e Okano e cols, 2004) com exceção apenas de Carneiro e cols (2003).

Esses dados sugerem que o autoconceito, considerando suas diferentes dimensões, se mostra relacionado estritamente ao desempenho escolar, quando se refere às questões específicas de aprendizagem ou das relações sociais.

Isso nos remete ao processo de construção do autoconceito pelo indivíduo. Os indivíduos, com o passar do tempo, realizam autodescrições mais em termos abstratos do que concretos, elaborando-as com base nos próprios juízos e na avaliação das evidências. A inserção do indivíduo no contexto escolar pressupõe a ampliação das suas relações sociais. O indivíduo que tinha construído uma imagem de si mesmo baseado nas primeiras relações com a família, tem a oportunidade de enriquecer essa primeira imagem de si mesmo, confirmá-la ou modificá-la (Hidalgo e Palácios, 1995).

As primeiras experiências do indivíduo na escola e nas relações sociais influenciarão o seu modo de viver o futuro. Com o passar dos anos escolares, o indivíduo pode adquirir experiências de realização escolar bem sucedida, de aceitação pelos pares e do professor, o que contribuirá para uma sensação de confiança, aumentando assim seu autoconceito. Ao contrário, o fracasso escolar, a comparação com os colegas e a visão depreciativa por parte do professor, podem provocar no indivíduo sentimentos de frustração e desencorajamento, rebaixando assim seu autoconceito.

Deve-se levar em consideração também que a maioria dos artigos selecionados, além de verificarem a relação entre autoconceito e desempenho escolar, consideraram outras variáveis como a idade dos sujeitos, o gênero, a série, o tipo de escola que freqüentavam (pública ou particular), o nível sócio-econômico, problemas de comportamento e apoio extra-escolar.

Algumas dessas variáveis apresentaram certa influência na relação entre autoconceito e desempenho escolar, como a idade e o apoio extra escolar, porém a evidência disponível é insuficiente para conclusões.

No entanto, vale ressaltar que os artigos que levaram em consideração à idade ou a série dos participantes (Urquijo, 2002; Cunha e cols, 2006; Cunha e cols, 2007; Moraes e Cunha, 2007) encontraram relação entre autoconceito e desempenho escolar de acordo com o aumento da idade ou avanço da série escolar.

Autores que investigaram essa variável com relação ao autoconceito e desempenho escolar, (por exemplo, Renick e Harter, 1989; Faria e Azevedo, 2004), também encontraram uma diferenciação do autoconceito segundo a idade, sugerindo que quando criança o autoconceito é estável, depois há uma diminuição do autoconceito ao longo da pré-adolescência e a um aumento do mesmo no início da idade adulta devido à melhor aceitação pessoal.

Quando o indivíduo é criança, essa relação ainda parece não ser forte, pois nesta fase ele tende a fazer uma auto-avaliação positiva e irrealista de si mesmo. Com o passar do tempo e início da adolescência, o indivíduo pode experimentar situações de fracasso escolar, e por ter mais consciência das suas capacidades e limitações, a relação entre autoconceito e desempenho fica mais evidenciada.

Quanto ao apoio extra-escolar investigado nos artigos de Okano e cols, 2004 (crianças que freqüentavam o Ensino Alternativo) e no de Silva e cols, 2005 (crianças que freqüentavam atendimento em clínica psicopedagógica), os autores não encontraram diferenças no autoconceito de crianças com dificuldade de aprendizagem que freqüentavam um estabelecimento de apoio à aprendizagem fora da escola.

Isso nos leva à reflexão de que a relação entre dificuldade de aprendizagem e autoconceito se faz presente independentemente do contexto em que a criança está inserida, e que o fato de freqüentar um atendimento de apoio fora da escola não

altera o seu autoconceito. Pode-se supor ainda, que a criança obterá bom desempenho escolar e conseqüentemente um alto autoconceito, se receber recursos necessários para a otimização de sua aprendizagem e promoção do autoconceito em quaisquer dos estabelecimentos (escola, sala de reforço, clínica psicopedagógica).

Os artigos que estudaram as outras variáveis como o gênero, nível sócio-econômico, tipo de escola (pública / particular) e problemas de comportamento, não encontraram resultados semelhantes, o que não permite delinear um perfil dos sujeitos que tendem sofrer a influência do autoconceito em seu desempenho.

Esse fato sugere que novas pesquisas sejam realizadas para investigar a ocorrência da relação entre autoconceito e desempenho escolar, considerando outras variáveis e as diferentes formas de autoconceito, para que assim, alternativas específicas de promoção do autoconceito sejam desenvolvidas para otimizar a aprendizagem do indivíduo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi feita uma revisão da literatura sobre a relação entre autoconceito e desempenho escolar, com foco em artigos empíricos publicados em revistas brasileiras indexadas, sem limite de tempo.

Por fim, o que se deve levar em consideração é que o autoconceito exerce influência no desempenho acadêmico, fato que deve ser divulgado no meio educacional, uma vez que os profissionais da educação, como professores e psicopedagogos, agem fundamentalmente na construção da autopercepção do indivíduo.

Tais profissionais estão na posição ideal para exercerem o papel de motivadores que promovem experiências de sucesso na vida acadêmica do indivíduo. Eles podem contribuir para que o indivíduo despenda maiores esforços em suas atividades, seja mais persistente, utilize melhores estratégias de aprendizagem, lide melhor com as adversidades que ocorrem no ambiente escolar e acredite em suas habilidades e capacidades, para que assim obtenha um bom desempenho escolar e sentimentos positivos com relação a si próprio, ou seja, um bom autoconceito.

6. REFERÊNCIAS

- ASHMAN, A. F. e VAN KRAAYENOORD, C. E. Educational characteristics of students with high or low self-concept. *Psychology in the schools*, v 35, n 4, p. 391-400, 1998.
- BEAR, G. G. et al. Achievement-related perceptions of children with learning disabilities and normal achievement: group and developmental differences. *Journal of learning disabilities*, v 31, n1, p. 91-104, 1998.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- CANDIEUX, A. Psychometric properties of a pictorial self-concept scale among young learning disabled pupils. *Psychology in the schools*, Hoboken, v 33, n 3, p. 221-229, 1996.
- CARNEIRO, G. R. S.; MARTINELLI, S. C. e SISTO, F. F. Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, v 16, n 3, p. 427-434, 2003.
- COVINGTON, M., V. e OMELICH, C., L. Are causal attributions causal? A path analysis of the cognitive model of achievement motivation. *Journal of personality and social psychology*, v 37, n 7, p. 1487-1504, 1979.
- CUNHA, C. A.; SISTO, F. F. e MACHADO, F. Dificuldade De Aprendizagem Na escrita e o autoconceito num grupo de crianças. *Avaliação Psicológica*, v 5, n 2, p. 153-157, 2006.
- CUNHA, C. A.; SISTO, F. F. e MACHADO, F. Autoconceito e reconhecimento de palavras em crianças do ensino fundamental. *Avaliação Psicológica*, v 6, n 2, p. 147-156, 2007.
- ESTÊVÃO, C. e ALMEIDA, L. S. Dimensões do autoconceito e sua relação com o rendimento escolar. *Psicologia Argumento*, v 17, n 24, p. 113-130, 1999.
- FARIA, L. e AZEVEDO, S. Manifestações diferenciais do autoconceito no fim do ensino secundário português. *Paidéia*, v 14, n 29, p. 265-276, 2004.
- FERREIRA, A. A. (2006). **Crianças com dificuldade de aprendizagem**: um estudo sobre autopercepções. 2006, (Monografia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP.
- FONTAINE, A. M. Expectativas e realização escolar: o efeito “pigmaleão” questionado. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v 29, n 1, 119-132, 1995.
- FONTAINE, A. M. Motivação como instrumento de análise: teoria da auto-eficácia. In: Fontaine, A. M. **Motivação em contexto escolar**. (pp. 73-95). Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

HARTER, S. Historical roots of contemporary issues involving self-concept. In: BRACKEN, B. A. (Ed) **Handbook of self-concept developmental, social and clinical considerations**. (pp. 1-35). USA, 1996.

HARTER, S. e PIKE, R. G. The pictorial scale of Perceived Competence and Acceptance for Young Children. *Child Development*. V 55, p. 1969-1983, 1984.

HIDALGO, V. e PALÁCIOS, J. O desenvolvimento da personalidade dos 6 aos 12 anos. In: Coll, C.; Palácios, J. e Marchesi, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. (vol. 1, pp. 243-249). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HOSLEY, M. G.; HOOPER, C. e GRUBER, M. B. Self-concept and motor performance of children with learning disabilities. *Perceptual and motor skills*, v 87, n 3, pt1, p. 859-862, 1998.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008). Síntese de Indicadores Sociais. Acessado em 24/ 09/ 2008. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>

JACOB, A. V. **O desempenho escolar e suas relações com autoconceito e auto-eficácia**. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto- SP.

JACOB, A. V. e LOUREIRO, S. R. O desempenho escolar e o autoconceito no contexto escolar da progressão continuada. In: Marturano, E. M; Linhares, M. B. M; Loureiro, S. R. (orgs). **Vulnerabilidade e proteção: Indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar**. (1ª ed., cap.5, pp. 137-156). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

LOUREIRO, S. R. Aprendizagem escolar: avaliação de aspectos afetivos. En: Funayama, C. A. R. (Org.). **Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar**. (pp. 77- 90). Campinas: Alínea, 2000.

MARTIN, E. e MARCHESI, A. Da terminologia dos distúrbios às necessidades educacionais especiais. Trad. M. A. G. Domingues. In: Coll, C.; Palácios, J e Marchesi, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. (vol. 3, pp.7-35). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MORAES JÚNIOR, R. e CUNHA, C. A. Reconhecimento de palavras e de autoconceito num grupo de crianças. *Psic: Revista da Vetor Editora*, v 8, n 2, p.215-226, 2007.

OKANO, C. B et al. Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, v 17, n1, p.121-128, 2004.

RENICK, M. J. e HARTER, S. Impacto f social comparisons on the developing self-perceptions of learning disabled students. *Journal of Educational Psychology*, v 81, n 4, p.631-638, 1989.

SILVA, I. V. e ALENCAR, E. M. L. S. Autoconceito, rendimento academico e escolha do lugar de sentar entre alunos de nivel socio-economico medio e baixo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v 36, n 1, p. 89-96, 1984.

SILVA, S. S. e FLEITH, D. S. Desempenho escolar e autocenceito de alunos atendidos em serviços psicopedagógicos. *Psicologia Escolar e Educacional*, v 9, 2, p.235-245, 2005.

SISTO, F. F. Dificuldades na aprendizagem em escrita: um instrumento de avaliação (ADAPE). In: Sisto, F. F.; Boruchovitch, E.; Fini, L. D. T.; Brenelli, R. P.; e Martinelli, S. C. (Orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico** (pp. 190-213). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001 a.

SISTO, F. F. Dificuldades na aprendizagem em escrita: um instrumento de avaliação (ADAPE). In: Sisto, F. F.; Boruchovitch, E.; Fini, L. D. T.; Brenelli, R. P.; e Martinelli, S. C. (Orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico** (pp. 190-213). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 b.

SISTO, F. F. E MARTINELLI, S. C. **Escala de Autoconceito Infanto Juvenil (EAC-IJ)**. São Paulo: Editora Vetor, 2004.

SOUZA, L. F. N. I. E BRITO, M. R. F. Crenças de auto-eficácia, autoconceito e desempenho em matemática. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v 25, n 2, p.193-201, 2008.

STEVANATO, I. S. et al. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, v 8 , n 1, p.67-76, 2003.

URQUIJO, S. Auto-concepto y desempeño académico en adolescentes. Relaciones con sexo, edad e institución. *PsicoUSF*, v 7, n 2, p.211 – 218, 2002.